ADVERTENCIAS.

—

A distribuição começa hoje, quinta-feira, ás 9 horas da manhã. Aos Srs., que, o mais tardar, quatro horas depois não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da Revista Universal Lisbonense, rua dos Fanqueiros n.º 82, para se providenciar.

—

Por falta de cabida, não damos já hoje o artigo do Sr. *****, em resposta á carta, publicada pela *Restauração*, contra a companhia dos vinhos.

CONHECIMENTOS UTEIS.

O SALVA-VIDAS.

2174 A seguinte carta publicada n'um periodico de Escossia, e reimpressa no jornal inglez dos maritimos de Londres e do inglez vertida em linguagem, qual a apresentámos, foi-nos graciosamente offerecida pelo seu applicado traductor o Sr. Alexandre Magno de Castilho, Junior, que apenas conta de edade nove annos. Para a darmos á luz com a melhor vontade bastaria o dezejo de galardoarmos assim as suas diligencias, e de excitar nobres ambições litterarias e invejas decorosas nos estudantinhos da sua edade. Mas de mais a mais o assumpto, de que tracta a sua traducção, por si mesmo se recommenda como importantissimo. Não se passa anno, em que o mar não trague centenares e milhares de vidas. Uma só que a publicação d'este artigo fizesse salvar, sobraria para recompensa de o haver escripto.

—

Senhor. — Permitti-me, chamar a attenção publica para uma materia de muito grande importancia, e que tem sido pouco sabida ou estudada. — A saber a vantagem de que os passageiros se provejam do «*Salva-Vidas de* borraxa» para as viagens do mar. — A jaqueta de borraxa, ou cinta, pode encher-se de vento em *menos de um minuto*, e accommodar-se ao corpo em *dois ou tres segundos*, na realidade tão depressa e tão simplesmente, como qualquer colete ordinario; e é tão leve e portatil, que póde facilmente ser levado na algibeira de uma casaca. Para prova da efficacia da invenção, hontem no banho atei a cinta á roda de mim, e quando cheguei a cinco pés de agua sobrenadei sem nenhum esforço; não fiz diligencia nenhuma para conservar-me fluctuante, mas não pude deixar de boiar, tal era a força da bóia.

Com tudo para verificar melhor a sua utilidade resolví vêr se tambem teria poder para sustentar uma pessoa vestida. — Fui a *Seafield* esta manhã levando comigo duas andáinas de fato para mudar. Vestido completamente (com sobrecasaca, calças, seroilas, camisa etc.) lancei-me á agua, levando uma jaléca de borraxa. O effeito n'este caso foi ainda mais admiravel. Quando cheguei a tres pés pouco mais ou menos, descançando levemente o peito em cima da agua, e levantando os joelhos, fiquei boiando totalmente sem fazer esforço algum; quando cheguei a cinco pés, pouco mais ou menos, faltaram-me os pés, e fui fluctuando com o peito e cabeça ao de cima da agua, tão facilmente como uma cortiça em cima de uma rêde de pescar. Apesar d'isso não fiz nenhum esforço; mas estava tão quieto e sem movimento, como uma creança a dormir: depois de estar um pouco de tempo n'este estado fiz muita diligencia para mergulhar; mas achei-o inteiramente impossivel. Podia tanto metter-me debaixo da agua como debaixo da terra a trupitar com os pés. De facto, se eu tivesse querido afogar-me emquanto esta jaqueta estava no meu corpo, não teria licença. Muitos Senhores serviram de testimunhas, e ficaram muito satisfeitos do resultado da experiencia. Dei a jaqueta a um d'elles para experimentar o seu poder, e elle sem estar vestido como eu, tambem sem esforço, ficou boiando na agua. Quando voltei para a cidade pesei o fato molhado (ainda que já então tivesse perdido muito da sua humidade) e pesava 15 arrateis.

Ora, Senhor, quando existe um objecto assim, que livra a gente com tanta certeza de se afogar, parece-me que todo o teimar com o publico será pouco para que o aproveite. Não tenho nenhum interesse, além do de induzir as pessoas, que se prepararem para viajar, a adoptar meios de se salvarem em caso de desastre. Segundo já tenho mencionado a jaqueta de que me eu servi, ainda tem mais força boiante do que a cinta; mas uma cinta da largura de 10 ou 12 polegadas havia de ter feito a mesma coisa.

Eu não posso, Senhores, concluir sem aconselhar a todos os navios, que dão á véla para alguma distancia consideravel, que levem um provimento d'estes trastes para beneficio dos passageiros. Como estamos todos os dias ouvindo fallar de mortes no mar, teria culpa quem fosse para lá desapercebido dos meios de salvação tão claros, simples, e efficazes. Fallando d'isto a alguns amigos quasi todos teem dicto. — «¡Ah! se os passageiros do *Pégaso* tivessem tido estes trastes comsigo, quantos se teriam salvado! — A reflexão é natural e verdadeira. Não a deixem ficar perdida: — avisar é salvar.

—

PROVIDENCIAS CONTRA INCENDIOS.

(Carta.)

2175 *Sr. Redactor.* — Na madrugada do dia 10 do corrente se incendiaram as cazas do Sr. Marcellino José de Vasconcellos, principiando o fogo no 3.º andar, onde consumiu quasi todos os objectos, por se não poderem salvar, destruindo depois o resto do edificio. Seria possivel obstar aos seus progressos, se houvesse a direcção de um homem, ás ordens de quem estivessem as unicas tres bombas da cidade; este examinasse onde a agua era mais necessaria, e extinguisse em primeiro logar o fogo, que impedia a entrada nas cazas incendiadas, para mais de perto o embaraçar, tendo ao mesmo tempo vigilancia no fogo superior, para não caír sobre os operarios. Deveria ter mais á sua disposição arêa simples, ou de mistura com pó de carvão, serrage de madeira, ou estravo de cavallo, formando um mixto isolante (como diz o Exm.º Sr. Girão, Visconde de Villarinho de S. Romão, na sua Memoria sobre a economia do combustivel) e na falta d'este, terra apanhada, ou cavada em qualquer parte; mas como isto póde esquecer para o futuro, se esta camara julgar tal providencia vantajosa, deverá prevenir-se com cestas para esse fim, e barrótes que collocados nas janellas em conveniente altura sirvam para içar as cestas, na extremidade uma roldana, e corda (á maneira de tirar agua das cisternas com dois baldes), para subir agua, e descer ao mesmo tempo varios objectos que de outra maneira se estragariam.

Além d'isto convem que haja escadas com dobradiças seguras, e de differentes tamanhos; machados, e depósitos d'agua mais abundantes.

Julgava eu muito a propósito se formasse um: e o maior no castello no ponto mais elevado da cidade, que se conservasse sempre cheio d'agua limpa, a vazasse continuamente por cima, para differentes depósitos, chafarizes, feitos em convenientes locaes da cidade, como á Trindade, Grilos, Salvador, Sé Velha, Arco d'Almedina, etc. etc., os quaes depósitos, chafarizes, abastecessem a cidade d'agua limpa para beber, se communicassem uns aos outros, e a não desperdiçassem derramando-a havendo para isso uma torneira, que se fechasse por si. Este systema de chafarizes (que devem ser cobertos) para incendios, é facil de conceber. — Como chafarizes, trabalham abrindo-se e então se poderá encher um caneco n'um momento: as aguas, que d'este depósito sobram, são vasadas pela parte superior para outro, que lhe fique inferior n'outro ponto; e como os depositos para incendio são postos em communicação o 1.° com o 2.°, este com o 3.° e 4.°, e assim por diante, dirigindo-se a agua do 1.° para o ponto mais proximo do incendio. Persuado-me ter explicado este systema de chafarizes, depósitos (que não sei se está em uso n'alguma parte) de uma maneira intelligivel, mas sendo precizos alguns esclarecimentos mais, ou desenhos, os darei. Egualmente julgava muito acertado não se prescindir do tóque de rebate, e depois as badaladas para designar a freguezia em que anda o fogo, repetindo uma e outra coisa, porque as badaladas por si só, pouco despertam. Com todas estas providencias, e aproveitando-se a agua das cisternas dos extinctos collegios, poder-se-ha d'ora em diante obviar a qualquer incendio.

São dignos d'elogio, e de publicar-se, os nomes dos individuos que mais serviços prestaram n'este incendio, e são: os Senhores Adriano Carlos Pinheiro, Manuel Lourenço de Sousa e Rocha, Theotonio Claudino da Silveira Moniz, academicos, Doctor Agnello Barreto, lente de medicina, Adriano de Moraes, bacharel formado, e Domingos Sanches, José Maria Pereira, Teixeira, negociante, Guerra, Francisco de Miranda, Antonio José, Francisco de Sequeira, e muitos outros individuos, pessoas de bem e mechanicos.

Se V. julgar acertado dar publicação a minhas mal concertadas idéas, muito me obsequiará.

Tenho a honra de assignar-me

De V.

Constante leitor

Coimbra 14 de agosto de 1843.

Verissimo Alves Pereira.

O QUE É UM GOVERNADOR CIVIL.

2176 Um governador civil é uma especie de auctoridade paterna, composta mais de vigilancia, amor e misericordia, que de austeridades e rigores. Na acertada escolha de illustrados e zelosos governadores civís para todos os districtos, consistiria o principal segredo da regeneração do reino. Pelos olhos e ouvidos das auctoridades administrativas inferiores elles veem tudo e tudo ouvem; pela presença d'ellas, em toda a parte estão presentes para obrar: — pela sua alta posição, pelas suas relações directas com o governo, pela sua influencia para com os cidadãos e familias de maior vulto e credito, teem, querendo-a empregar, uma força de acção que nenhuma outra, na actual constituição do estado, egualaria.

Bons governadores civís — repetímol-o — seriam, inquestionavelmente, o melhor remedio á maior parte dos males publicos; e se a bons governadores civís nomeados, antes para os civís interesses do que para conveniencias politicas e parciaes, se ajunctassem prelados, como D. Fr. Caetano Brandão, D. Francisco Gomes do Avellar e poucos mais, e camaras municipaes, verdadeiramente eleitas pelo povo, que em taes coisas, quando o não perturbam, tem um admiravel instincto de infallibilidade, a terra pobre, corrupta e desconsolada reflloreceria completamente. As leis então não seriam ludibriadas ou ineficazes, porque iriam dar com gente allumiada se não sabia, abastada se não rica, e moralisada se não moral.

Um exemplar de governadores civís, por onde, a sermos governo, affeririamos os que houvessemos de nomear para taes empregos, é o Exm.° Sr. José Silvestre Ribeiro, de quem já muitas vezes temos apontado, e muitas ainda haveremos de apontar acções, que se pela pequenez e affastamento do districto, onde as pratica, nos soam fracamente e nos parecem diminutas; tomadas com tudo no seu complexo, examinando-se a sua unidade philosophica, isto é, poetica e positiva ao mesmo tempo, e simultaneamente material e intellectiva, revelam um espirito superior; — um d'aquelles espiritos, que se a Providencia lhes não entregou senão uma penna, escrevem um Telémaco como Fénélon; se lhes deu um sceptro fundam um estado como Pedro Grande.

Hoje copiamos do *Espectador* de Angra mais uma pequena amostra dos actos administrativos d'este magistrado, deixando para os outros numeros outras, já colhidas do dicto jornal, já das nossas correspondencias particulares: —

TALANT DE BIEN FAIRE.

« A divisa do glorioso infante D. Henrique, é tambem a do » nosso excellente governador civil, bom, e empreendedor co» mo o filho de D. João I de *Boa Memoria.* »

« Aonde quer que a desgraça descarregue seus golpes, estae » certos que lá encontrareis S. Ex.ª, para provêr de remedio » aos infelizes, ministrar consolações, enxugar lagrimas. »

« Ha tempos que na freguezia de *Porto Judeu* teve logar » um caso lastimoso e terrivel. Pegou fogo na caza d'uma po» bre familia: o pae e mãe de tres innocentinhos haviam saí» do de madrugada para os seus trabalhos ruraes: ninguem deu » pelo incendio, porque as tres creaturinhas dormiam o somno » da innocencia: as chamas devoraram pois bem depressa a » pobre cazinha, e as tenras victimas ficaram redusidas a cin» zas. »

« Não tentaremos descrever as angustias e a desesperação » dos infelizes paes, quando déram por tão horrivel catastro» phe. ¿Que palavras poderam pintar a intensa dôr d'uma mãe, » a quem a morte arrebata por um modo tão barbaro, todos » os pedaços de sua alma? »

« Logo que ao conhecimento do Ex.mo Governador Civil che» gou a noticia de tão deploravel acontecimento, sua mão be» nefica se estendeu sobre os desgraçados consortes: nomeou » immediatamente uma *commissão*, n'aquella freguezia, para » obter soccorros a fim de promptamente mandar reedificar a » demolida habitação, offerecendo S. Ex.ª, pela commissão » central dos soccorros, todas as madeiras, telha, e cal, que » para a reedificação fosse precisa. »

« ¡Como os povos seriam felizes, se todas as auctoridades se» guissem o exemplo do Ex.mo José Silvestre Ribeiro! »

COPIOSA PRODUCÇÃO DE TRIGO.

(Extracto de uma carta.)

2177 Como tenho encontrado em alguns artigos da *Revista* noticias, a respeito de producção admiravel de trigo; participo-lhe o que eu experimentei, e de que o portador d'esta lhe poderá dar informação como testimunha.

Obtive duas onças de trigo imperial: semiei seis bagos no meu quintal: produziram um celamim, tendo os pardaes comido vinte espigas: o resto das duas onças mandei-o semear na minha herdade, e produsiu um alqueire. No mesmo quintal me nasceu um bago de trigo gallego pellado, assim chamado por não ter barbas; deu 62 espigas, que produziram 6260 bagos. — Conservo o pé; assim como o dos seis bagos, que todos os que o vêem muito admiram, por nunca terem visto coisa similhante.

Borba 4 de septembro de 1843.

Vicente Ferreira de Carvalho.

MONTADOS.

(Vem de pag. 41.)

(Communicado.)

2178 Se um só, e ninguem mais tivesse para vender qualquer genero de consumo geral, é certo que o venderia pelo preço, que segundo as forças, ou demanda do mercado, lhe conviesse melhor; porém se emvez de o vender ao consumidor directamente, vendesse aos atravessadores, da mão dos quaes fosse depois vendido ao povo, é tambem indubitavel, que este dono do genero em primeira mão, havia de deixar de ganhar tudo quanto lucrasse o atravessador.

Sendo estes principios infalliveis em these; tractaremos de os applicar á *companhia dos montados*, e deduzir d'ahi as consequencias.

Havendo pois, como ha, centenares de lavradores, que possuem carnes de porco, é egualmente verdade, que tantos são os lavradores quão diversas hão de ser mais ou menos as vontades e precisões de cada um; d'onde sendo impossivel combinarem-se tod s, é evidente, que cada um caminha como intende, fazendo na venda de seus generos uns aos outros muito mal, e a si proprios maior; pois é um principio de eterna verdade em commercio, que o preço do genero diminue na razão do maior numero dos vendedores: sendo certo, que ou porque uns precisem logo de dinheiro, ou porque outros temam não dar-lhe saída depois, ou para venderem mais depressa, que os outros, o que fazem é abater o preço a tal ponto, que muitas vezes chegam a perder até do custo!!! ¿E que resulta d'aqui? E que o genero baixa immediatamente em todo o mercado, e assim se torna geral a perda, sómente porque alguns, ou mais apressados, ou mais esfaimados por dinheiro, andaram d'esta sorte em suas vendas — isto vê-se todos os dias.

Se emvez de assim procederem podessem os lavradores todos reunir-se em uma só vontade, é egualmente indubitavel, que venderiam os porcos dos seus montados pelo preço, que em harmonia com as forças do mercado, melhor lhes conviesse.

Se pois isto depende só de todos se reunirem n'uma vontade, o que se não realisará emquanto as coisas n'esta parte continuarem do modo, que entre nós tem caminhado com tanta infelicidade e perda para os lavradores, se pois, repetimos nós, se não póde chegar a tão alto fim pelo máu caminho trilhado, é consequencia infallivel, que devemos mudar de rumo.

Provado pois, como se acha que para o fim de podermos alcançar maior valor ao genero e producto dos nossos montados, forçoso é que sigamos outro trilho, cumpre fazel-o, e promptamente.

Outro meio se não conhece nem por ora existe, com melhor resultado, que o seguido com vantagem em todo o mundo commercial, qual é o da associação, formando companhias todos os interessados no genero, que se quer proteger, sendo esta a unica maneira de reunir tantas vontades n'uma só.

Este é pois o systema, e nenhum outro, que póde salvar os montados, uma vez que seus donos se não deixem embair por velhacos, que querem continuar a viver á custa alheia, isto é dos lavradores, e que os aconselham ao contrario d'aquillo, que lhes a elles lavradores é mais vantajoso: nem se deixem levar por conselhos de ruins cabeças, ou antes de cabeças ôcas e tôlas: — isto é, repetimol-o, uma vez, que os donos dos montados tenham juizo, que é o genero de fazenda, que entre nós tem sido sempre mais escasso. Isto pois é o que devem fazer, e quanto antes se quizerem salvar-se a si, e aos seus montados.

Nem se diga, que isto são só palavras, e vãs theorias, que, como tantas outras, e que nenhum resultado hão de dar a final; porque nós, que isto escrevemos, e que nos empenhamos tanto na formação d'esta *companhia salvadora*, e para a qual tanto hemos trabalhado, quasi que sómente dos montados tiramos toda a nossa subsistencia; e se não estivessemos tão profundamente convencidos da grande vantagem, que de tal companhia ha de colher-se, e tal, que duplicará os rendimentos de todos os lavradores d'esta especie de lavoura, longe de o proclamarmos, fariamos o possivel por impecer-lhe: como porém tenhamos gravado em nossa consciencia este principio salvador, por isso, com tanto afinco bradâmos a nossos irmãos lavradores para que façam quanto esteja ao seu alcance, e trabalhem quanto podérem para que se leve a effeito providencia tão salutar.

Confiamos pois em que todos hajam de concorrer efficazmente para tão relevante fim, e isto pelo seu proprio interesse, pelo de suas familias, e até pelo da patria. — ¿E quem haverá tão inerte, que se negue a uma tal cousa? Nin uem de certo, porque ninguem n'este mundo dezeja a sua ruina.

E como poderá deixar de ser assim, quando no projecto publicado no artigo 2095 da *Revista Universal Lisbonense* o lavrador evidentemente vê: —

1.º — Que a assembléa geral da companhia é composta de 200 pessoas, as mais ricas em montados, e portanto as mais interessadas em que o valor dos porcos suba ao mais alto ponto possivel; e que estando a cargo d'estas marcar o preço, que a carne deve ter em cada anno, de certo não marcarão senão o que lhes fôr mais vantajoso.

2.º — Que sendo os membros da direcção eleitos por aquellas mesmas pessoas, forçosamente hão-de ser tão capazes, e de tanto credito, como ellas.

3.º — Que logo que seus porcos se achem gordos não teem mais o lavrador, que entregal-os á companhia, a qual lh'os paga a curtos prazos; vindo assim a esperar pelo seu dinheiro metade do tempo que até agora esperava do comprador avulso, que muitas vezes se lhe abalava com os porcos e com o dinheiro.

4.º — Que n'esta companhia encontra o mais seguro meio de salvar-se das garras do usurario, pois que necessitando de dinheiro para a compra dos porcos magros — emvez de tomar a vereda afrontosa da porta empestada, onde se alberga a usura, e d'ahi bater humilde e cabisbaixo, e de chapéu na mão para depois de uma repulsa alcançar um *sim* de proposito reservado, para melhor ficar-lhe sujeita a garganta á corda que o enforca — emvez pois d'esta situação desgraçada o nobre lavrador, nobre, porque sempre o foi a profissão da lavoira, achará n'essa mesma companhia salvadora de que faz parte, todos os recursos de que ha mistér para essa compra, sem ter de vilipendiar-se ante o carrasco, que o assassina; pois que na companhia achará cofres abertos para lhe emprestarem o de que precisar na fórma determinada n'aquelle PROJECTO, e ainda que tenha a dar meio por cento ao mez, é rendimento para o cofre da companhia, que a elle tambem pertence, e de que tira tão importantes resultados.

Bastam estas considerações, para que o lavrador possa ver a alta importancia de que é para elle um tal estabelecimento, e os immensos lucros, e vantagens, que d'elle deve tirar; e basta o que fica expendido, para que todos nós os lavradores concorramos com todas as nossas forças, para que se leve a effeito quanto antes esta companhia salvadora.

Ayres de Sá Nogueira.

(Continuar-se-ha).

ADVERTENCIA DA REDACÇÃO.

2179 Repetiremos, por mais que possa parecer escusada e tediosa a repetição: —

«Nas materias importantes, mas questionaveis, a Redacção da Revista Universal Lisbonense dá e mantém o campo aos contendores de ambas as partes; tão pontual para com aquelles, cuja causa lhe parece melhor, como para com os outros, que reputa illudidos; porque, sem discussão, rara vez póde haver, e rarissimas ha, certeza de verdade.«

O projecto da Companhia dos Montados é assumpto importante, e tão disputavel tambem, que é disputadissimo, pois que se tracta de averiguar, qual é, nas circumstancias particulares e actuaes do reino, mais realmente util para elle: se o enriquecimento dos creadores dos cevados, — se a economia dos consumidores dos mesmos cevados, que são, com pequenas excepções, todos os portuguezes.

Outros incidentes tambem ponderosos, nos parece, que vem travar-se com esta disputa principal, a saber: — por uma parte, o interesse, e até os direitos naturaes dos pequenos creadores: por outra, a influencia que a adopção do projecto poderá ter no consumo, que os estrangeiros dão a esta mercadoria, etc., etc., etc.

Saibam pois aquelles de nossos leitores, a quem as idéas expendidas n'estes artigos parecem falsas, aferidas pelas théses da economia politica ou inadmissiveis attentos certos ou certos respeitos peculiares: —

«Saibam, repetimos, que o nosso jornal publicará tão inteiramente os artigos, que em sentido contrario se nos remetterem, como tem publicado os que se hão lido. Depois das justas, em dia claro e aos olhos de todos, o publico dará a palma a quem tocar.«

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

SERVIÇOS DA NAÇÃO PORTUGUEZA Á CHRISTANDADE, PESADOS PELO PONTIFICE PIO V.

10 de octubro de 1567.

Aos amados filhos, nobre varão vice-rei, e conselheiros do serenissimo rei de Portugal, e dos Algarves nas partes da India Oriental.

2180 «Amado filho, saude, e bençam apostolica. »Não acabamos de dar graças ao pae das misericor»dias, e Deus de toda a consolação, o qual entre os »grandes, e varios cuidados, que nos desvelam em »razão do nosso cargo, ha por bem de nos alegrar, »e consolar com alegres novas, que vem das partes »da India; porque ouvimos quanto n'ellas tem cres»cido a egreja catholica, e que grande numero de »gentios se converte todos os annos do culto dos Ido»los á fé de Christo: com os quaes augmentos da egre»ja, e salvação de tantas almas o nosso coração se »exalta com tanta alegria, que a não podemos expli»car facilmente. E todos os povos, e nações da chris»tandade sabem quanto louvor se deva por este res»peito aos serenissimos reis de Portugal, porque com »seu cuidado, diligencia, e admiravel grandeza de »animo, ajudando Deus seus piedosos trabalhos, e »principios, se conseguiu, que o Sagrado Evangelho »chegasse até os ultimos fins da terra, e os que an»dam em trevas começassem a ver a luz da verdadei»ra religião, e conhecessem a seu creador. Mas por»que somos devedores assim aos que estão longe, co»mo aos que estão perto, e desejamos ardentissima»mente, que o negocio da conversão dos gentios pro»ceda com muito fervor, e que tantas almas, que se »haviam de perder, se ganhem com dobrada diligen»cia, quizemos encommendar á vossa devoção tão »sancta, e tão piedosa obra. Se na propagação da fé »se tractasse sómente da honra de Nosso Senhor Jesu »Christo, convinha a tão catholicos varões derramar »o sangue por ella, como muitos da vossa nação com »grande gloria sua derramaram, os quaes agora re»cebem o fructo de seus merecimentos. Mas além da »honra de Deus, além da salvação das almas tracta»se tambem da gloria do charissimo nosso filho, e »vosso rei; tractas-se da vossa honra, e da vossa in»clinação; porque quantos mais gentios receberem a »fé de Christo, tanto mais esclarecido se fará, e glo»rioso o nome do vosso rei. Lucrar-se-hão maiores for»ças para que com a divina graça se conquistem as »nações barbaras, e se ajunctem ao reino de Portugal: »e assim crescerá o vosso nome, e da vossa nação, »e os vossos merecimentos para com a religião ca»tholica. As quaes coisas consideradas por vós, con»vém, que com perfeitissimo animo dês toda a aju»da possivel, e todo o favor possivel aos obreiros, que »trabalham na vinha do Senhor, como são os prela»dos, e outros varões religiosos de quaesquer ordens; »e principalmente intendereis por vossa prudencia ser »necessario, que os gentios sejam defendidos, e guar»dados diligentemente das injurias dos soldados, e »que se tirem todos os impedimentos, e escandalos, »com que sua conversão por algum modo se possa im»pedir, e retardar. E se bem confiamos, que fazeis, »e haveis de fazer estas coisas, com tudo para que »as façaes com mais fervor, e diligencia vos admoes»tamos diante de Deus Nosso Salvador, e vos encarre»gamos este cuidado em remissão de vossos peccados. »Dado em Roma em S. Pedro debaixo do anel do pes»cador, a 10 de octubro de 1567, no 2.° anno do »nosso pontificado.»

FLOR-DO-MAR.

(historia d'um barqueiro).

capitulo xi. e ultimo.

Flor-do-Mar — Flor-do-Céu.

2181 Eram onze horas. O vento fresco da noite enfunava airosamente as vellas brancas da barca de Antonio Domingues. Decrescia, atenuava-se, fugia ao longe o ultimo ponticulo da terra. Luziam as estrellas no firmamento escuro, como lampadas perdidas no ambito immenso d'esse templo grande de Deus, chamado Universo — como ávidos olhos do céu espreitando curiosos a barca veloz, que tão galhardamente se levava sobre as aguas do mar.

¡Ai! triste! Aquella terra que fugia era a terra do nascimento, a terra dos primeiros annos, a terra das saudosas reliquias de antepassados — a mais formosa terra d'este mundo! ¡Ai! triste, aquelle estrellado céu era o céu esperançoso dos ultimos momentos para uma alma gentilissima!

Ao pé do leito mortal da boa mãe vimos nós já, de que genero era a dor da formosa Maria. Ao cabo de tres dias o maritimo robusto tinha envelhecido dez annos: eram uns pesares aquelles, que atormentando o espirito, devoravam surdamente o seu involtorio corporal. Maria, essa não. Conservou-se a mesma que era; tinha a mesma angelical amenidade, a mesma viçosa formosura. Uma differença unica se lhe poderia notar. Aquella risonha flor, que fôra d'antes uma rosa de abril, delicada e brilhantemente colorida pelo sol da ventura; alegre, animada, rescendente — era agora uma branca rosa do outono, muito branca e innocente, muito candida e virginal; suavemente perfumada, timidamente formosa. Absorvida toda com avidez pela sequiosa ancia d'aquella alma desenganada, a immensidade da sua dôr não podia chegar-lhe aos dotes feiticeiros d'aquella externa gentileza. Em Antonio a mágua foi principalmente physica: em Maria foi essencialmente moral, foi intima, recondita; foi mortal. Afóra aquella marmórea palidez, que a fazia assimilhar-se a uma d'essas admiraveis estatuas milagrosas, primores do antigo genio da sculptura, Maria não revelava o mal, que lá por dentro a consumia, por nenhum signal exterior. Ninguem lh'o poderia lêr com os olhos: só lh'o saberia adivinhar o instincto d'um espirito como o seu. Os desvélos de um pae são penetrantes e sagazes; e o proprio pae andava cruelmente enganado com aquelle socego apparente.

A dôr da innocente Maria characterisada por uma indefinivel melancholia, intima, religiosa, meditativa, guardada cautellosamente no sanctuario do coração, aquella dôr, que amorosamente affagava, de que incessantemente se nutria, tinha-a ella escrupulosamente conservado a par de uma esperança: o habito tinha confundido a esperança com a dôr — tinha-as quasi identificado, porque ambas tinham o mesmo fim. Pouco a pouco a religião d'aquelles dois grandes sentimentos tinha-lhe feito variar as impressões dos objectos mundanos, tinha-lhe alterado a alma, tinha-a purificado, disposto, preparado para a eternidade; tinha-a despegado de todas as coisas terrestres, tinha-a como assentado ás portas do céu, esperando placidamente que lhe fossem abertas para entrar por ellas na sua patria e tomar alli o logar, que já de ante-mão conhecia. Aquelle mesmo seu amor sem esperança, cujas illusões lhe haviam desapparecido para sempre, sem de todo se extinguirem não se assimilhava já senão a um sonho confuso e indistincto, a uma d'essas vagas impressões dos sentidos adormecidos, que o somno traz e leva, perdidas no crepusculo de umas lembranças indolentes, quasi recordações, quasi desejos, e nem desejos nem recordações. O que era paixão, n'aquelle amor de virgem, quebrou-se, espedaçou-se deixando espedaçado o coração ao subito clarão de revelações estranhas, incomprensiveis na sua negra hedeondez, para a candura de tamanha innocencia, suspeitadas apenas por um resto de instincto mundano; mas bastantes para romper os inexplicaveis laços que tinham prendido aquella alma virginal, primitiva e não tocada da brilhante corrupção social, aquella outra alma maculada, inficcionada, enlodada. O que porém era affecto ficou, desenganado, indefinido, indistincto, inapplicado, mas profundo e constante. N'uma vida, como aquella de Maria, podia o coração sorrir muita vez atravez dos labios para as seducções do mundo; amar de véras, uma só e não mais.

A ancia, a saudade, a dôr, a esperança de Maria exhalavam-se solitarias e escondidas em longos suspiros para o céu: abria-se-lhe a alma em devaneios sem fim: percorria com o pensamento as celestes instancias, em que já moravam seus desejos, e quando voltava d'estas interminaveis viagens da phantasia para pôr momentaneamente os olhos na terra, não via n'ella mais de que um homem — seu pae; não via mais do que um monumento — a sepultura de sua mãe, a rude cruz coroada de perpetuas, que servia de a dar a conhecer a quem não fosse filha para adivinhal-a.

Se a constante energia d'esta dôr, assim transformada em anciosos desejos, em caladas porém mortiferas saudades, podiam poupar e respeitar a externa formosura da virgem, não podia ao cabo deixar de estancar os mananciaes de tal vida. Aquella pura e limpida veia, em que já se espelhava o céu, devia emfim correr para lá.

Tinha-se passado um mez depois da morte de Rosa. Os rumores da maledicencia, que a matou, chegaram finalmente aos ouvidos do consternado viuvo. Antonio era um homem sensato; sabia o que era a gente com quem vivia; não accreditou uma só palavra do que lhe foram charidosamente revelar. Se fosse d'antes, os mexericos teriam provavelmente custado em extremo caros a alguem. No estado em que estava, calou-se, pediu a Deus que o vingasse d'aquellas linguas assassinas, e entrou a desejar ardentemente sair d'aquella terra, em que tão grande golpe lhe haviam dado. Não se atrevia porém: tinha receios da perfeita condescendencia de sua filha. Sabia que a mais leve indicação sua, era para ella um preceito, e sabia com que amor, a sua gentil Maria, ermando innocente no meio de tanta maldade, amava aquella terra em que descançava a defuncta querida.

Todavia uma noite, em que ambos praticavam como sempre, ácerca do que a sua saude continuamente lhe estava lembrando, Antonio deixou impensadamente cair algumas palavras, que revelaram aquelle desejo, que nunca o largava.

Flor-do-Mar sentia, com certo contentamento indifinivel aproximar o instante porque anciava; distinguia já o termo da sua curta viagem; via progressivamente diminuir o espaço, que a separava de sua mãe—d'aquella tão amada companheira a quem para sempre queria unir-se. Desejava lá no coração que os seus despojos mortaes fossem recolhidos na mesma tumba e depositados na mesma terra. Mas tendo todas as suas esperanças no céu, sabendo que ía brevemente separar-se de seu pae para sempre, havia assentado comsigo, que emquanto estava na terra o seu dever principal era em tudo obedecer ao minimo indicio da sua vontade. Assim, apenas ouviu aquellas palavras que a solicitude filial lhe fez compreender facilmente, resolveu logo sacrificar o seu ultimo desejo n'este mundo áquelle primeiro desejo do pae que tanto lhe queria.

No dia, que se seguiu á noite que mencionamos, Maria sem dar a intender o motivo, que lhe tinha influido tal resolução, pediu a seu pae que a levasse d'aquella terra para fóra. Maravilhou-se o bom do maritimo, mas sem acertar com a verdadeira razão de similhante pedido, interpretou-a pelo que em si

sentia, e alegrou-se lá comsigo porque assim combinava a concessão, que se lhe pedia, com o que elle proprio mais desejava. Antonio assentou que a saír da terra, não devia levar sua filha senão para Lisboa. Tinha lá uma parente casada, e muito bem estimada. Esperava distraír aquella tenaz melancholia da sua Maria adorada, e talvez contava um tanto com o aspecto do mar, e com a actividade do trabalho, da viagem, e dos seus conhecidos de Lisboa para disfarçar se fosse possivel, a intensidade da mágua que o ralava. Quanto a Maria, não sendo ao pé da sepultura que encerrava sua mãe, pouco lhe importava o ponto da terra em que havia de ir caír. Decidiu-se pois que d'ahi a dois dias partissem para Lisboa.

Depois da morte de Rosa, Antonio Domingues nunca mais tractára do seu barco. N'aquelles dois dias porém não fez outra coisa: era já um principio de distracção.

Os teres modestos do maritimo não exigiam grandes preparativos. Ao cabo de dois dias tudo estava prompto. Achando-se no seu elemento, com a sua companha, com os seus rapazes, como elle dizia, e proximo a partir com sua filha pela primeira vez passageira no barco estimado, que lhe déra o seu nome, Antonio Domingues sentiu o primeiro momento de satisfação depois da morte de sua mulher. É verdade que tinha as faces humidas de lagrimas ao largar d'aquella praya tão sua conhecida, e que por tantos annos se habituára a saudar com alvoroço; é verdade que lhe comprimia o coração o sentimento de saudade, que deixa um longo habito ainda que se abandone um casebre, para ir tomar um palacio; é verdade que se lhe íam os olhos em coisas, que pouco antes nem sequer lhe lembrava que existiam. Mas deixava uma gente invejosa e malevola, e levava sua filha que era o seu thesoiro: parecia-lhe que despia os trajos luctuosos da sua dôr—ía respirar novo ar e vida nova—como que lhe sorria uma aurora de inesperadas venturas.

¡Ai! pobre pae!

Ao descaír da tarde ergueu-se favoravel o vento da terra. Antonio Domingues ufano por commandar a pequena manobra diante da sua linda Maria, que, sentada á popa, lhe sorria d'um modo inexplicavel, mandou pomposamente largar todas as vellas. O barco inclinou graciosamente a prôa, obedeceu ao subito impulso osculando as ondas estremecidas, e bolinando airoso, foi-se pelas aguas fóra, fugindo como um cisne perseguido.

Manuel tambem lá ía n'aquelle garrido baixelzinho que em si continha todo um universo de tremendas paixões e profundos affectos.

Na occasião em que Rosa morreu, Manuel estava sentado á porta da caza de Antonio Domingues no proprio logar, aonde tempos antes corrêra o seu sangue. Quando o digno sacerdote saíu com a oração nos lábios e as lagrimas nos olhos, Manuel ergueu-se respeitosamente para o deixar passar, e perguntou-lhe pelo estado da doente, em voz submissa, como se não se atrevesse a fallar-lhe, ou tivesse receio da resposta. Ao ouvir o desengano da nova fatal que elle certamente suspeitava, mas em que não queria ainda crer, o honrado moço ficou um momento suspenso; depois sem dizer palavra deu a andar authomaticamente para o lado da praya, e sumiu-se lá ao longe entre os fraguedos, pálido como um defuncto.

Desde aquelle dia, nunca mais tornou ao mar.

Quando porém Antonio Domingues avisou a companha para abalar da terra, Manuel não faltou. Foi o primeiro que se achou a bórdo, diligente no trabalho, ferveroso nos preparos da partida. Viu sem abalo fugir aquella praya em que nascêra; ou antes tal não viu, que desde que Maria entrou no barco nunca mais tirou d'ella os olhos. Manuel estava inteiramente mudado no parecer — estava abatido e quebrantado — não era já o mesmo forte e resoluto homem. O sofrimento, que passou apparentemente imperceptivel pela flôr humilde, foi vergar o tronco robusto.

Era um homem singular aquelle bom Manuel. Orpham, creado desde pequeno no barco de Antonio Domingues, começou a amar a gentil Maria desde que principiou a ter uso de razão. Quiz-lhe primeiro por instincto, quiz-lhe depois como irmão, quiz-lhe a final como paixão de amante. A sua mocidade como a sua infancia desinvolveu-se na sobriedade e no trabalho. Não seguiu nunca os seus companheiros, que o sollicitavam, a uma só venda; nunca se recusou ás fadigas quaesquer que ellas fossem; nunca recuou perante o perigo, onde quer que elle se achasse. Amava, adorava, idolatrava Maria. Vêl-a, era para elle uma festa; fallar-lhe era um encanto. ¡Fallar-lhe! Podiam contar-se as vezes que elle o tinha feito. Aquelle homem tão destemido, tão senhor de si no meio do temporal, e na hora do perigo, hesitava, balbuciava, tremia quando tinha que dirigir alguma saudação vulgar, algum dicto inconsequente á graciosa donzella. Manuel, apesar da formosura da sua alma, como que tinha receio de escandalisar com a rudeza das suas palavras, com as despolidas exterioridades que lhe déra a sua creação, os melindres instinctivos d'aquella delicada e timida lindeza. O seu amor era uma contemplação incessante, uma admiração infinita, um respeito e um pudor de todo incomprehensiveis para as naturezas brutalmente positivas. E ainda ha amores d'estes, realisam-se ainda no mundo estes, que parecem sonhos da phantasia, digam lá o que disserem os escarnecedores por officio, os politicos conscienciosos, os amadores facetos de estafadas allusões e de epigrammas imperceptiveis.

Manuel, nutrindo assim no coração aquelle amor meditativo e solitario, que não carecia de mais do que do seu proprio fogo para se alimentar, nunca tinha dicto nada a ninguem — a ninguem absolutamente. Nem por uma palavra nem por um gesto o procurou revellar á propria que assim lh'o accendêra lá dentro d'alma. Nunca talvez pensou sequer em tal. Se pensou, foi segredo só com elle e com Deus: ficou entre ambos.

Quando conheceu que Flôr-do-Mar cedia á sua sympathia para com o official, Manuel bem que amasse sem fim, sem determinação, sem esperança, cuidou morrer de pesar. Muita vez as suas lagrimas correram solitarias e ardentes sobre as areias da praya. E com tudo nem um momento deixou de amar a donzella, como até alli a tinha amado. Quando á força de paciente observação chegou a penetrar nos intentos do corrupto mancebo, o seu emprêgo incessante foi vigial-o e vellar por ella. Se aquelles intentos fossem os que deviam ser, Manuel conter-se-hia, calcaria e affogaria no peito as viboras crueis dos seus immensos zêlos, e veria quêdo e calado a fortuna do homem

que lhe preferiam. Sendo porém os que foram, Manuel assentou logo em dar a sua vida pelo descanço d'aquella familia, e em Manuel, como já se viu, a execução era consequencia infallivel da resolução. Finalmente quando Rosa morreu o sensivel algarve, a par da grande dôr d'aquella perda, sentiu logo tomar-lhe a alma outra dôr porventura ainda mais pungente, uma dôr prophetica, uma como occulta e mysteriosa advertencia. Era aquella dôr indizivel a que assim o trasia transtornado e abatido.

O que o pae não tinha adivinhado, adivinhou-o o amante.

Na occasião, em que Antonio Domingues regeitou a proposta do official, Manuel teve por certo uma grande alegria, mas não se atreveu a imaginar uma esperança. ¡ Esperanças ! ¿ De que? Matava-lh'as todas o sentimento generoso da sua inferioridade moral; matava-lh'as o nobre desejo de a vêr feliz entre todas.

Manuel era rude e era pobre. Não possuia se não a acanhada soldada que lhe dava seu patrão. Não tinha por si senão os dotes d'aquella sua grande alma; e esses, ella não sabia traduzir no exterior.

É natural que os nossos philosophos alti-pensantes não approvem a solução d'este problema estranho do homem externo que suffoca e abafa e comprime o homem interno: da natureza dos habitos contraídos que prende, limita e subjuga a naturesa das intimas inspirações; e com tudo se bem procurarem crêmos que hão-de encontral-a, e talvez mais frequentemente do que póde parecer nas realidades d'esse mundo.

Tudo isto, porém, que nós temos querido com tanto esforço explicar, explicava-o simplesmente, eloquentemente aquelle porfioso olhar de Manuel que era o unico exterior signal dos seus sentimentos. O affecto, o respeito, a dedicação exclusiva, a admiração, a contemplação sollicita, religiosa, e immaculada liam-se n'aquelles olhos do mancebo fitos na formosa donzella, emquanto a barca vogava silenciosa cortando as aguas. Manuel era para Maria, o que Maria era para o céu. Manuel, namorado de Maria, abnegava a sua existencia, para só existir por ella: Maria enlevada no céu abnegava a propria vida para ir viver na eterna mansão.

E a barca ía vogando, vogando. ¡ Ai ! quem terá animo para vos contar o que se passou n'aquella triste barca !

A terra do Algarve tinha desapparecido. A barca ía levada por vento de servir. Só o mistico rumor das aguas interrompia a mudez sancta d'aquella noite estrellada. Maria com os olhos cravados no firmamento e sorrindo-lhe como para um porto, alegremente avistado, parecia calcular a distancia que a separava d'aquella sua morada celeste. Antonio Domingues ía sentado a seu lado revendo-se amorosamente na sua linda Maria; e, agradecendo a Deus lá comsigo, o tèl-a feita tão formosa, julgava-se já menos desgraçado calculava todas as suas futuras felicidades. Manuel ía ao leme, enlevado n'aquelle quadro, mas extraordinariamente triste.

A voz de Maria que de vez em quando interrompia as suas virginaes meditações, para responder aos férvidos colloquios do bom de seu pae ía progressivamente enfraquecendo. Julgou ao principio Antonio Domingues ser aquillo effeito da somnolencia natural a taes horas, mas vendo-a com os olhos brilhantes, postos com estranha expressão na serenidade do céu começou a assustar-se.

«¿ Que tens tu, Maria ? — perguntou elle sollicito e ferveroso em conchegal-a e resguardal-a contra o ar frio da noite. — ¿ Que tens ? ¿ Estranhas estes baloiços do mar? ¿ Tens medo? ¿ Tens frio? ¿ Queres que te leve acolá, além para debaixo da tolda? ¿ Queres?«

Maria respondeu a esta ultima proposta com um vivo gesto de repugnancia :

« Não. . . . . . não me tire d'aqui. Não me leve para onde não possa vèr o céu.

« Pois deixa-te estar, filha, deixa-te estar — acudiu o bom Algarve que se esforçava por affeiçoar os seus rudes modos aos mimos, que a sua filha desejava fazer. — Aqui ficarás, Maria, minha Maria querida; ficarás aqui, ao pé de teu pae. E tens razão Maria, que é bonita esta vista. . . . . . mas não é tão bonita como tu. Luzem muito aquellas estrellas, mas não luzem tanto como os teus olhos. ¿ Fècha-los ? . . . ¿ Fechas esses olhos a quem eu quero tanto? ¿ Porque os fechas tu, Maria ? . . . ¿ Maria não respondes a teu pae ? . . . ¿ Dar-se-ha caso ? . . . . ¡ Ai ! Deus do céu, que me morre minha filha !

Impossivel é descrever, em que brado angustioso e desesperado foram dictas estas ultimas palavras. Foi um grito de immensa dôr, arrancado das entranhas — foi ao mesmo tempo a expressão do desengano e a phrase da desesperação. Antonio ainda se não tinha lembrado da verdade tremenda que assim, de subito se revelava a seus olhos assombrados, como do aspecto de um raio.

Ai ! era effectivamente um raio aquelle que de meio a meio lhe tinha partido a vida.

Com tudo a impassibilidade de Maria não era ainda mais do que resultado de um deliquio, produsido pelo progressivo abatimento. Era um precursor de morte, Antonio não se havia enganado.

Ouvindo a dolorosa exclamação de seu pae, Maria, tornou a si, e percebeu a razão d'aquelle extremo dessocego. Estimou-a lá comsigo. Estava descoberto o seu verdadeiro estado, e era o que ella mais temia de revelar áquelle bom pae. . . . . Vendo que já lhe não seria necessario disfarçar como que ficou aliviado de algum grande pêso.

Ou fosse porque já de todo estivessem estancadas as fontes d'aquella vida, ou porque as saudades de deixar a terra, em que lhe ficava sua mãe, tivessem feito alluir os seus derradeiros esteios, ou fosse finalmente consequencia do abalo physico causado pelo mar, o certo é que, a hora inevitavel estava proxima. Maria havia muito que a tinha adivinhado. Senti-a avisinhar-se n'uma especie de prostração, n'um como adormecimento involuntario que lhe ía pouco a pouco obscurecendo os olhos e enleiando os sentidos. — A alegria d'aquella tão desejada partida só era aguarentada pelo instincto magoado das saudades, que deixava.

Não tentaremos descrever aquella morte. Imaginamol-a, concebemol-a, sentimol-a ; mas não temos phantasia bastante, falta-nos sufficiente vigor de phrases. — Temos a idéa, fallece-nos a palavra.

Era uma scena inexplicavel. Por baixo d'aquelle céu a sorrir suavemente no sereno fulgor dos astros da noite, sobre aquellas aguas murmurando melan-

cholicas o cantico melodioso de eternos affectos, que só sabem entoar as vozes grandes da natureza, n'aquelle barco voluptuosamente impellido pela aragem favoravel, e amorosamente embalado pelas ondas mansas, entre o amor immenso de um pae, e a immensa paixão de um amante, rodeada de tantas sympathias, de tamanha paz, de tão poeticas amenidades, aquella virgem linda, pela sua natural lindesa, lindissima pela angelical formosura da alma, que no semblante se lhe reflectia, finava-se quasi insensivelmente, como se todas as branduras que a cercavam se tivessem espontaneamente reunido para lhe vigiarem, e lhe enfeitarem, porque assim digamos, os ultimos momentos.

As tristezas da morte ter-se-hiam casado bem com os horrores da procella, com as vagas revôltas, com o estampido dos raios. Mas se por um lado tormentosos pezares dos que ficavam, pediam furores á natureza, o socego, a placidez, a paz sanctissima da que se afastava, exigia-lhe as suas mais candidas e amênas solemnidades.

Nunca de certo se viu uma tal morte. A barca vogava á tôa, como as idéas, como os sentimentos do pobre pae, que já não podia duvidar da evidencia. Manuel, o coração valente, soluçava ajoelhado aos pés da moribunda. D'um lado Antonio amparava a cabeça de Flôr-do-Mar deitada sobre um leito improvisado com as japonas dos maritimos. Do outro, Manuel perguntava ao calor de suas mãos pelos progressos horrendos da morte. E no meio d'elles ambos, em vez de receber consolações, era Maria quem os consolava. — Não se descrevem momentos d'estes.

«Vou ter a final com minha mãe, dizia a virgem. — Não se lamente assim, pae de minha alma, não se chore, não me chore. Seremos duas a pedir a Deus muitas fortunas; muitos annos socegados para o meu pae querido. Que estava eu cá fazendo no mundo sem minha mãe? . . . . . . penando. ¿Que esperava d'esta terra? . . . . . . amarguras. . . . . . Cuidado e desgosto era só o que eu pedia dar hoje a meu pae. Fique descançado, lá no céu está aquella sancta mãe, está Deus que bem me conhece, que me ha-de perdoar as minhas cegueiras e os meus erros. Deus, sim: tenho fé. . . . tenho bem fé, que os anjos me hão de fazer sua companheira. Fizeram-me tanto mal, tanto mal cá no mundo, que de certo hão de consentir-me comsigo. Não chore, custa-me vêl-o chorar d'esse modo ¿Para quê? ninguem mais me chorará. . . . . .

Aqui um soluço comprimido interrompeu a exaltação da moribunda, cuja alma similhante á chama que, a ponto de apagar-se, refulge com o extremo clarão, fazia scintillar os ultimos raios da sua luz.

Não sabemos se o longo segredo de Manuel se revelou finalmente n'este suspiro do coração. Fosse o que fosse, Maria comprehendeu-o. Parou um momento, e suspirando tambem, apertou fracamente nas suas melindrosas mãos a mão calosa do maritimo. Manuel perdeu o tino de tristeza e de alegria.

Pouco depois Maria pediu a Antonio Domingues que a ajudasse a ajoelhar. Ajoelhou effectivamente, amparada por elle, e tirando do seio a cruz de oiro que seu pae, tão contente lhe déra, poz-se a rezar longo tempo, longo tempo osculando a cruz brilhante com grande fervor, apertando-a aos labios, conchegando-a ao coração e susurrando uma infinidade de amorosas palavras, que só os anjos de Deus lhe ouviram e recolheram. Passou-se bom espaço assim. Depois de orar, de se recommendar ardentemente á sua Virgem dolorosa Maria considerou um instante a linda cruz, que d'antes a fazia tão vaidosa, e que ora mal podia já entrever; e desprendendo-a da formosa fita preta entregou a cruz a seu pae, e a fita a Manuel, dizendo-lhes affectuosamente.

«¡ ¡ Não tenho mais que dar ! !

Eram as derradeiras lembranças da terra.

«E agora meu pae — continuou — dê-me a sua mão, Lance-me a sua bençam . . . . Se causei penas a alguem, arrependo-me d'ellas . . . . se fiz algum mal, peço que me perdoem. Aos que a mim m'o fizeram . . . . a esses perdôo de todo o meu coração . . . e peço a Deus que lhes perdoe !

«Perdoe-me tambem este amor que aqui tenho» — exclamou Manuel fóra de si e caindo prostrado a seus pés, apertando com as mãos o coração. Maria ouviu ainda esta confissão de amor, que á hora da morte rebentava d'alma. Sorriu como os anjos hão-de sorrir, mas não respondeu.

Tinham sido aquellas as suas ultimas fallas.

Pendeu-lhe levemente a cabeça, e de joelhos, como estava, sem dôr sem agonia, os olhos lindos fitos no firmamento, com aquellas palavras de perdão, ainda nos labios a sorrir, reclinou-se nos braços de seu pae . . . e deixou partir a alma virginal para aquelle céu de estrellas que a estava namorando.

Viu-a a Deus partir e abriu os braços para recebel-a.

Todos aquelles agrestes homens da companha, postos de parte a contemplarem o doloroso quadro, tinham os sevéros e tostados semblantes aljofrados de lagrimas sinceras.

Antonio Domingues e depois d'elle Manuel eram os mais práticos maritimos de toda a costa. Ninguem conhecia tão bem os escolhos e difficuldades da barra de Lisboa: tinham-n'a vencido muita vez pelo meio do temporal. O mar estava sereno, o céu limpido, e o vento favorecia; e com tudo no dia em que chegaram á barra, a barca deu n'uma ponta de rocha, e afundou-se.

Tiveram a mesma sepultura o barco e a donzella. Foram eguaes no nome e na fortuna.

Se não fôra o zêlo e amizade dos da companha, ambos os valentes maritimos teriam acabado nas ondas, sem procurarem salvar-se.

CONCLUSÃO.

Quando o barqueiro velho acabou de me contar a tragica historia d'aquella barca saudosa que fôra verdadeira flor dos mares, e d'aquella formosa alma, que se tornára rescendente flor do céu, notei eu que as lagrimas lhe saltavam a quatro e quatro dos olhos incendidos. Arquejava como se tivesse passado todo um dia a forçar os remos, e por baixo da camiza, que o vento enfunou instantâneamente, reluzia-lhe sobre o peito o que quer que fosse de metal brilhante.

Quando acabou de me contar aquella historia, havia já descido a noite. O céu tinha limpado. Era uma noite mui placida e amena. Vi que desviava o rosto, limpando os olhos com as costas da mão, e murmurava:

«Foi n'uma noite como esta.»

Conheci então quem o velho era, e não me admirei mais d'aquella grande mágua, nem das estranhezas d'aquelle character.

Apertei-lhe a mão commovido e retirei-me sem di-

zer palavra para o não interromper em tão solemne saudade.

Quando passava juncto das pedras, confusamente espalhadas, ao pé do torreão novo, não pude deixar de reparar para um vulto sentado n'uma d'ellas. Tinha os cotovellos fincados sobre os joelhos, e contemplava com desusada attenção alguma coisa que tinha nas mãos.

Attentando melhor, pareceu-me divisar-lhe entre os dedos, as pontas de uma fita de veludo preto.

Mendes Leal — Junior.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

2182 Em Hispanha a insurreição está a ponto de acabar, os levantados de Barcellona commandados por Ametler foram derrotados pelas tropas do conde de Reus, Prim.

Depois da chegada do correio de Hispanha de hoje quarta-feira corre que Prim fôra batido, e até que morrêra caíndo do cavallo abaixo.

Em França, descobriu a policia uma nova conspiração republicana; e apprehendeu muitos documentos relativos a isto.

Na Italia os sublevados politicos foram destroçados juncto a Bolonha.

Em Inglaterra os partidistas de Rebecca foram quasi todos derrotados, sendo o seu chefe preso.

ACTOS OFFICIAES.

2183 *Diario do Governo de 25 de septembro.* — Venda de bens nacionaes.

Idem de 26. — Portaria ordenando que o conselho de saude publica das ilhas dos Açôres apromptе, quanto antes, o regulamento para a visita dos navios nos portos d'aquellas ilhas. Outra solvendo duvidas do governador civil do Funchal sobre a intelligencia do artigo 11.º da carta de lei de 27 de maio. Outra sobre sêllos de algumas fazendas nas alfandegas. Outra elogiando a tropa que no Algarve desbaratou 200 contrabandistas no valle da Murteira. Dois officios sobre o mesmo assumpto. Aviso aos navegantes de que na ponta do cabo de Carvoeiro, em Peniche, se acha collocado um farol.

Idem de 27. — Decreto auctorisando a companhia do Alto Doiro a comprar por conta do encargo de 1844, marcado no artigo 8.º da carta de lei de 21 de abril, cinco mil pipas de vinho; e accrescentando mais algumas instrucções relativas. Officio da Procuradoria Régia ante a relação de Lisboa, explicando os motivos porque não tem podido satisfazer a varios officios e portarias do Thesoiro; e mostrando ter já satisfeito a uma grande parte d'aquelles a que na portaria do thesoiro se diz não ter satisfeito. A despeza com a secretaria de marinha no mez de julho do corrente importou em 64:706$370 rs. Aviso de que o prazo para o recenseamento das dividas do estado fica prorogado até 31 de dezembro proximo futuro.

Idem de 28. — Decreto mandando que os titulos inferiores a cem mil réis, possam entrar no pagamento de direitos de mercê. Portaria elogiando a diligencia, que se fez para a capturar do salteador e assassino Venancio de Deus, no districto da Guarda. Outra declarando que a numeração das portas e nomes das ruas são da competencia dos governos civis. Portaria revogando outra, em que se concedia licença aos habitantes do Funchal de poderem ir livremente a bôrdo dos navios surtos n'aquelle porto, por ser contra lei. Venda de bens nacionaes.

Idem de 29. — Aviso da secretaria dos estrangeiros, para que as pessoas, que commerceam com o imperio de Marrocos, se abstenham de desembarcar em parte alguma das costas d'aquelle imperio, que não sejam das designadas para esse effeito, a fim de não serem victimas dos moiros. Ordem do exercito n.º 36. Venda de bens nacionaes.

Idem de 30. — Ordem da armada n.º 108. Venda de bens nacionaes.

Idem de 2 de outubro. — Portaria providenciando sobre papeis de valor existentes no deposito publico. Ordem de pagamento ás classes inactivas do mez de septembro. Venda de bens nacionaes. Amortisação de 526:700$991 réis de diversos papeis de credito.

Idem de 3. — Venda de bens nacionaes.

JORNADA REAL.

2184 Hoje, quarta-feira 4, ás dez horas do dia partiram Suas Magestades e Altezas, no vapôr *Terceira*, para Aldêa-Gallega d'onde seguirão o seu passeio até Villa-Viçosa.

Consta que todas as cidades e povoações do trânsito teem mandado preparar os caminhos, e apparelham grandes festejos aos Augustos Viajantes.

ANTIGUALHAS FOSSEIS.

(Carta.)

2185 Admiro que os correspondentes da *Revista Universal Lisbonense* lhe não tenham communicado uma achada, que em março d'este anno se fez entre os povos de Sancta Comba, e Marialva: contarei o que vi e ouvi.

Achando-me eu na feira de S. Bartholomeu, em Trancozo, a 25 de agosto ultimo, e aproximando-me a uns cavalheiros que estavam na barraca de um negociante, ouvi-lhes fallar no achado de umas peças de oiro e prata, e entre ellas um argolão de oiro, que se tinha vendido a um ourives de Guimarães, chamado João Antonio, que tambem andava na mesma feira com o seu negocio; não parei sem averiguar a verdade. — Dirigimo-nos eu, e meus companheiros á barraca do ourives, e n'ella encontrámos o tal argolão de oiro, que elle tinha comprado por 30 e tantas moedas, segundo nos disse. Este argolão fasia um redondo perfeito, tinha um palmo e quasi duas polegadas de circumferencia, era liso e muito polido, e da grossura de um dedo, e pesou á minha vista 12 onças, oiro de lei, segundo o ourives affirmou.

Houve varias opiniões sobre qual teria sido a sua serventia, uns diziam ser argolão de caixão; e outros, bracelete, ou pulseira, que antigamente se usasse, ao que eu me inclino. Indaguei como é que a achada se fizéra. — Em março d'este anno ía um rapaz de Sancta Comba com officios para o Regedor de Marialva; em meio caminho, principiando-lhe a chover, abrigou-se a uma parede, que dividia a estrada das fazendas: a chuva engrossou, e fez corrente pela estrada, proximo d'onde o pequeno se acoitára; passadas porém a chuva e a levada, viu o nosso correiosinho n'uma excavação, que as aguas tinham feito, luzir o que quer que fosse: chegou-se ao pé e affirmando-se conheceu serem medalhas de prata do tamanho de 120 réis; apanhou as que estavam descobertas, e entrando a escavar com o páu que levava, tal porção d'ellas achou, que, para recolher, lhe foi necessario fazer bolsa de uma das mangas da camiza, e assim se foi para caza muito contente, respondendo a quem lhe perguntava o que alli levava, que eram batatas. — Chegado a caza, contou ao pae a sua boa fortuna. Este mais lerdo do que o filho, não houve parente a quem o não repetisse: n'essa mesma noite foram-se com enxadas e ferros ao sitio, cavaram, e procuraram. E o resultado do seu trabalho foi a achada do argolão, e uma especie de dra-

gonas tambem de oiro. Outro cavalheiro que a nós se reuniu, disse, que, das medalhas achadas, elle tinha comprado umas poucas a 120 réis cada uma; e que eram dos tempos da Républica, e dos Imperadores Romanos *(consulares* e *imperiaes)*; e que a maior parte das mesmas medalhas, tinham ido para o Porto.

O mesmo ourives disse, que haverá 10, ou 12 annos, tinha comprado mais dois argolões eguaes, um em Pinhel, e outro nos Gatos.

Pesqueira 23 de septembro de 1843.

Antonio Manuel do Sobral.

S. CARLOS.

2189 Que as emprezas theatraes de Londres e París reunam em seus esplendidos tabiados os portentos artisticos mais perigrinos, não assombra: para os alçarem até a si, teem guindastes de diamantes e calabres de oiro; e o publico por quem tudo isso é dispendiosissimamente sustentado, tem direito para exigir que tudo ahi seja raro, sublime, completo. Em Lisboa em 1843, quando depois de mercado o pão a poucos ficará, com que pagar os circenses, e quando no dia em que o seu preço subisse da singella moeda de prata quasi ninguem mais lhes transporia o limiar, requerem a justiça e o bom senso, que se não seja assim descontentadiço. — Que se não exija, nem se peça, nem se espere, nem ainda se consinta o que a publica fortuna e as fortunas privadas nos estão de todos os modos defendendo; — o que para o pobre é banquete no dia de festa da sua aldêa, bem poderia ser mesquinheza e sordidez nas salas quotidianas dos potentados vestidas de christaes e de oiro, alcatifas, sedas, e pinturas.

Uma empreza theatral é, e deve, e não póde deixar de ser, antes de tudo, uma sociedade mercantil: os emprezarios de S. Carlos, conhecendo pela experiencia alheia de largos annos a pouca frequencia, e considerando o diminuto dos preços do mercado, em que tinham de negociar, — mercado, em que nenhum especulador d'este genero deixou ainda até hoje de perder, deviam uma vez que decididamente se resolvêram a correr fortuna, limitar-se ao stricto indispensavel, e não tomar nem mais nem melhor fazenda do que seus freguezes lhe podiam consumir.

Não foi porém assim. O incumbido de ir recrutar os corpos de canto e baile para o novo theatro, tinha mais alma de artista que de calculador. Colheu com uma, talvez louca, mas innegavelmente sublime imprevidencia, quanto achou mais bello, e teve a sorte de achar muito; e voltou com uma companhia cabal; mais cheio de certo de esperanças da publica gratidão, que de grossos lucros pecuniarios para seus consocios ou para si.

Desejosa de não retardar á geral impaciencia a abertura de um theatro, havia tanto suspirado, a Empreza passou ainda adiante na abnegação de todo o sentimento de egoismo. — Operas novas e da maior força, com que poderia estrear-se para arrebatar todos os sufragios desde os seus primeiros passos na carreira, requeriam estudo, ensaios, tempo. Resignou-se a transferir espontaneamente os seus triumphos; e apresentou desde logo o que por mais facil e conhecido dos artistas, postoque tambem o fosse do publico, desde logo podia apresentar-se: *Lucia* e *Belisario*, musicas de confessado mérito, mórmente a primeira, porém já populares, foram as suas amostras, os preludios do mais e melhor que nos reserva.

Esta especie de publico, de que taes spectaculos se alimentam, tem em Lisboa um notavel instincto de justiça, assás de conhecimento e gosto, creado pelo uso. O *Belisario* e *Lucia* tiveram affluencia, ás vezes enchentes; receberam applausos, e a *Lucia* estrondosos. — Tudo isto era a cidade civilisada quem o fazia. Mas em toda a cidade civilisada ha sempre encravado um bom numero de selvagens vestidos á européa; os applausos foram perturbados mais de uma vez. Houve quem á falta de cabeça, quizesse mostrar que tinha pés.

Affectou-se não compreender nada. Affectou-se não compreender o que ha de delicioso, de profundo, e de poetico no Sr. *Flavio*. O melhor cantor, segundo o consenso dos mestres, de quantos entre nós se teem ouvido: o unico imitador do inimitavel *Rubini*. — Interprete sempre verdadeiro dos affectos mais oppostos, do furor extremo como da extrema ternura. Chegou-se ao ponto de chamar falsete ao portentoso condão, que só *Rubini* e elle possuem, que nós saibamos, de recolher pouco a pouco o canto até quasi de todo nol-o sumir, dissereis, que lá por dentro, nos esconderijos do coração, ou lá por cima nos ultimos horisontes da alma. — Momentos ineffaveis, em que a musica se torna extasi, em que já não ouvimos o artista, mas nos arrebatamos com o seu espirito pelas regiões desconhecidas, como lá se vão olhos apóz uma ave, que se engolfa por um céu matutino como um pensamento amoroso, e lá vae, brilhante de sol, subindo, subindo até se perder, para logo baixar de novo, e vir baloiçar-se, toda alegrias, nos ramos florescentes de uma arvore visinha.

Affectou-se não compreender a Sr.ª *Olivier*, que cheia de vida, de talento, de expressão, como o Sr. *Flavio* executa sem esforço, e como que brincando, os maiores prodigios de harmonia. Faz da musica uma linguagem in e ligivel e completa: banha a sua voz em lagrimas ou a aquece de esperanças ou a gela de terror, e combina o maximo da singeleza com o maximo do artificio.

Affectou-se, não compreender o Sr. *Botelli*, professor consumado, actor sentido e apaixonado.

Affectou-se não perceber o frescor e perfume de primavera, que respira a voz limpida, flexivel e sympathica da Sr.ª *Carmini*. E porque um tenor de meio character, para se não privar a empreza e o publico de uma esperada representação, se prestou generoso a supprir as vezes do tenor serio impossibilitado por molestia, affectou-se não compreender o sacrificio, — o Sr. *Paterni* foi recompensado da sua serviçal abnegação, com uma grosseira pateada, que apesar de ser coberta e castigada de applausos, nem por isso deixou de ser ouvida.

Affectou-se..... mas por que iremos adiante: — affectou-se tudo quanto cabia nos limites de uma brutalidade estupida e ferrenha, que se affectasse.

Felizmente porém a historia, os auctores e os executores principaes d'estas vergonhas, d'estas selvajarias inhospitas para com os recém-chegados, d'estas crueldades para com artistas, cuja fama é o seu patrimonio, e que não mereceram lh'a roubassem, e d'esta ingratidão para uma empreza, que, se tem pecca-

do não é contra nós mas contra si; a historia, os auctores e os executores principaes de tudo isto, são, repetimos, felizmente conhecidos. Sabe-se que estes emprezarios, para o serem, venceram a competidores: que esses competidores teem padrinhos, que esses padrinhos teem apaniguados, serventes, pateadores ou applaudidores *ad libitum*. Sabe-se de que logar alto se está dando por gestos contrafeitos, e ridiculos ademans o alamiré da reprovação. Sabe-se por seus nomes, quem são os que, tendo talvez entrado gratuitamente, rompem surrateiros com os pés o estrepito reprovador, que outros depois imitam ou por vergonhosa condescendencia, ou por ignorancia do que fazem, ou só por fazerem alguma coisa.

Uma reflexão nos consola d'estas indecencias artisticas e moraes, commettidas no meio da nossa capital. Os cabos d'esta guerrilha na platéa, aprenda-o a *Fama de Milão* e os mais periodicos theatraes da boa Italia, não são portuguezes:—são italianos;—e aquelles que para alli os mandam romper, e dirigir e sustentar o fogo, se não são italianos, tambem, por certo, não são portuguezes.

Nós pedimos á empreza, e aos artistas, que por seu e publico interesse continuem a merecer os applausos dos intendedores e a raiva impotente dos invejosos; e para de todo os alagarem, se apressem de apresentar as novas peças de cunho, e as danças magistraes, que, sabemos, não faltam no seu reportorio.

No serão de hoje, quarta feira, tem de se estrear na ópera *Anna Bolena* a primeira dama absoluta *Rossi Caccia*. É voz geral entre os que as ouviram nos ensaios, que ainda em nosso tempo se não ouviu em S. Carlos uma cantarina d'aquella força; isto dizem muitos juizes do officio: á noite veremos o que dirão os selvagens de cazaca, e quinta-feira proxima fallaremos.

UMA FEMEA Á PROVA DE RAIO.

(Carta.)

2187 Ás 10 horas do dia 31 de agosto findo, repetidos relampagos, e estrondosos trovões atormentaram os habitantes d'esta villa; então caíu um raio n'um arrebalde, que fica proximo á fonte, derrubou a parede de uma caza pequena, entrou na loja da mesma, e dois porcos, que n'ella estavam, appareceram mortos, sem se lhe encontrar ferimento algum. Á porta, tambem da parte de fóra, achou-se uma gallinha morta, tambem sem ferimento, e uma viva com uma perna quebrada. No sobrado da caza, e por cima d'onde appareceram os porcos mortos, estava uma mulher, que nenhum perigo teve.

Pesqueira 23 de septembro de 1843.

Antonio Manuel do Sobral.

RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS FEITAS EM LISBOA NO MEZ DE AGOSTO DE 1843.

2188 Temperatura média das madrugadas 62°3 F. — dicta nas horas de maior calor 81°,5 — dicta média do mez 71°,9 — variação média de temperatura diurna 19°,2 — maior variação do calor diurno, a 6 do mez, 30° — maior frio a 17 do mez, 58° — maior calor a 7 do mez 98° — menor altura do barómetro a 12 do mez 755,5 millimetros — maior idem a 4 do mez 761,7 — média do mez 758,9, reduzidas á temperatura de 61° F.

Ventos dominantes, contados em meios dias — N,18 — NO,23 — O,4 — SO,3 — NE,3 — E,2 — B,4 — V,5 — Dias claros 19 — Claros e nuvens 6, — Cobertos, e clarões, 3 — Cobertos, 3 — Ventosos, 11 — De calores intensos, 14. — Não caíu chuva em todo o mez.

Quadras dominantes foram seis: a 1.ª de 5 dias com as madrugadas frescas, e quentes as horas meridianas, céu claro, ventos variaveis, e algumas vezes rijos do N. a NO: a 2.ª de 4 dias de calores violentos, que se prolongaram pelas noites, com ventos de E, e NE, céu claro, e ar muito secco: a 3.ª de outros 4 dias, com as madrugadas e noites frescas, e moderados calores no decurso do dia, athmosphera variavel com o horisonte vaporoso, e ventos fracos do N. a NO: a 4.ª de 5 dias frescos, céu claro, ar secco, e ventos rijos do N. a NO: a 5.ª de 6 dias egualmente frescos, céu coberto de manhã, e claro de tarde, ar secco, e ventos brandos do N. a NO: a 6.ª e ultima de 9 dias frescos nas madrugadas e noites, e calmosos nas horas meridianas, ar menos secco do que nas antecedentes; céu quasi sempre claro, e ventos bonançosos variaveis, do que se collige que a temperatura média do mez foi assás regular, e por consequencia quente, totalmente secco, e ventoso.

Phenómenos notaveis. — No 1.º do mez soffreu a Cidade de *Moscow* um terrivel furacão seguido de trovões e saraiva, o qual fez voar os telhados de 70 casas e partiu 70 mil vidros, fazendo grandes estragos dos campos e arvoredos. — A 10 outra grande trovoada, acompanhada de fortissima chuva de pedra, destruiu as colheitas do territorio de *Tarare*, perto de Lyão. — A 13 entre as 9 e 10 horas da noite uma nuvem de mariposas, impellida por um furacão que soprava com violencia, invadiu repentinamente algumas ruas de *Paris*, entrando milhares d'estes insectos nos edificios: durou esta chuva singular mais de uma hora. — O *Vesuvio*, que ha muito estava amortecido, tem dado signaes de uma proxima erupção: a cratéra tem expulsado densas columnas de fumo e fogo; e a 18 do mez, durante a noite, ouviram-se fortes trovões no interior da montanha.

Necrologia de Lisboa e Belém. — N'este mez de agosto foram sepultados nos tres cemiterios 646 cadaveres, sendo 368 do sexo masculino, e 278 do feminino; maiores 387, e menores 259. — Excedeu por conseguinte á mortalidade do mez antecedente em mais 96 óbitos, e á de junho em 170; confirmando as minhas antecedentes observações, deduzidas de 5 annos, as quaes qualificam o mez de agosto como o mais fatal á vida dos habitantes d'esta cidade.

M. M. Franzini.

STATISTICA MEDICA.

2189 Achamos nos semanaes de Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel, bem delineadas e minuciosas statisticas dos doentes tractados no hospital da misericordia d'aquella cidade, durante o primeiro trimestre do corrente anno, publicados pelo meritissimo Sr. Doctor João Anselmo da Cruz Pimentel Choque, medico pela nossa Universidade, delegado do conselho de saúde publica do reino, lente de mathematica, etc. Por ellas vemos que a entrada de doentes nos re-

feridos tres mezes foi de 661; a saída de 448; a *existencia* 13897. Por mez foi a entrada média 220; a *existencia* 5632. — Por dia foi a existencia maxima 217; média 187; minima 155.

D'aqui nos parece podermos inferir que o hospital de Ponta Delgada, por seu tráfego, e sem duvida por seus recursos e meios, e talvez boa administração, deve ser considerado como o 3.° depois dos hospitaes superiores de Lisboa e Porto.

Sentimos que em razão das curtas dimensões d'esta folha, nos não seja possivel apresentar aos nossos leitores as referidas statisticas, que muito particularmente se recommendam pela sua miudeza em relação a cada uma das enfermarias, profissões, edades, naturalidades, etc., bem como por uma especificada relação das molestias de que foram tractados, consideradas com respeito ao sexo, e aos resultados que se obtiveram.

Sobre o trabalho do nosso digno patricio o Sr. Doctor Choque, e outros de similhante natureza, de que tanto carecemos, não podemos deixar de reunir nossos votos aos da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, que no seu jornal do mez de abril passado, se exprime assim.

«Publicamos a presente statistica, annunciada pe«lo nosso socio, o Sr. *Choque*, medico em a Ilha de «S. Miguel, convencidos da grande necessidade, que «temos de trabalhos d'esta natureza, e desejosos de «que elles se vão reunindo e publicando. O trabalho «do Sr. *Choque*, imitado, e seguido pelos outros fa«cultativos, poderá vir a ser muito util; oxalá que «este seu exemplo se vá seguindo; ir-se-hão assim «junctando materiaes que deverão formar o alicerce «de algum grande edificio. Rogâmos por esta occa«sião ao Sr. *Choque*, attendendo ao seu muito mere«cimento e ao zelo que manifesta pelos progressos da «sciencia, e da nossa sociedade, nos communique, «quando para isso tenha occasião, uma noticia dos «hospitaes, que houve na Ilha, maneira porque elles «se acham, seu regimen, direcção, etc., etc.»

* *

AFFOGADO.

2190 No principio da semana passada um boticario por appellido, Paiva, regedor de parochia, morador em S. Vicente-de-Fóra precipitou-se no temeroso e profundo poço da quinta de Sua Eminencia.

Houve a maior difficuldade em o extraír para o dar á terra. Nas algibeiras se lhe acharam oito cruzados novos e o relogio.

Não se attribue a causa alguma notavel a sua funesta resolução. Havia tempos que andava trabalhado de uma melancholia misantrópica.

FIAR POUCO EM ARMAS DE FOGO.

2191 A 17 do passado, saíu de Coimbra para a caça um estudante de logica, por nome Joaquim Mano, pelo Mondego abaixo. Ao desembarcar, pegou-lhe o gatilho no que quer que fosse, disparou-se-lhe a arma por baixo do queixo: caíu redondamente sem vida. — No mesmo dia e perto da mesma cidade outro caçador, estando arrimado com o sovaco esquerdo sobre a bocca da arma, esta se desfechou, e lhe levou o braço. — A 10 do mesmo em Carnaxide, espingarda de outro caçador estira morto um rapazinho de septe annos, o que se não póde attribuir, senão a erro de tiro.

FORTUNA SALOIA.

2192 Um saloio, fazendeiro d'estes que passam a manhã correndo as ruas da cidade, a apregoar as hortaliças, que o seu quadrupede companheiro pacientemente lhes carréta, deixára-se tentar domingo ultimo, por uma d'essas sereias de vêstea, que a policia deixa andar convidando e desafiando o povo para os tentadores cinco contos de réis da *roda que principia a andar*; — e comprou-lhe um bilhete por nove cruzados novos. Tornado a Lisboa na terça-feira, dia segundo da extracção da loteria, ouve apregoar a saída do premio grande. Consulta o numero. É o seu.

Não procuraremos descrever o alvoroço do bom homem. Foi um spectaculo para todo o povoléu da praça da Figueira, onde se então achava. Começou por atirar com o chapéu ao ar, com vivas, como quem festeja a chegada de uma constituição nova, que promette edades de oiro e o cumprimento dos livros da sibyla.

Metteu os braços á carga das cebolas e nabos e atirou tudo a quem o quiz apanhar. — Um rapaz, aproveitando aquelle primeiro momento em que o enriquecido se não lembrava ainda de ser mesquinho, pediu-lhe o burro; o saloio similhante ao Nemorino de Florian: —

> Si, passant près de sa chaumière,
> Le pauvre, en voyant son troupeau,
> Ose demander un agneau,
> Et qu'il obtienne encor la mère;
> Oh! c'est bien lui: rendez-le moi;
> J'ai son amour, il a ma foi.

Deu-lhe o burro e mais as cangalhas, e dar-lhe-hia até um beijo se lh'o elle pedisse.

Correu ao primeiro rebatedor a realisar o seu sonho doirado. Emquanto lhe contavam o dinheiro, mais de uma vez se benzeu e exclamou: — ¡nunca pensei, que houvesse tanta moeda n'este mundo!

Voltando para a terra mais carregado, do que de lá saíra, diz-se que, por entre os alegres projectos, que ía fazendo de comprar tudo quanto conhecia, e de se cazar a final com alguma fidalga pobre, mas muito bonita, algumas vezes tambem se lembrára de que a vida affortunada, que diante se lhe abria, ía porventura trazer-lhe mais cuidados e mais verdadeiro trabalho que o seu tracto das cebolas. Ao seu prior disse elle, sobre isto uma grande sentença, em fórma de derivação ou *calembourg*, como lhe chamam os *bem fallantes*, sentença, que bem nos deixa suppôr que a riqueza poderá até crear *espirito* em quem nunca o tivesse, e foi esta: — que uma burra, que não sáe de caza, dá muito mais labotação a seu dono, que um burro, com que se corre as ruas da cidade.

ERRATUM.

No artigo 2157 — Commemorações — no fim da epigraphe, lêa-se (D. Branca).